

Se essa ligação não é nem da ordem de uma teoria (lógica) dos princípios, nem da ordem de uma analítica do sujeito, estamos a descoberto diante da pergunta que ele nos faz e que, levando-se em conta a ontologia deleuziana, se formula assim: já que o pensamento é posto em movimento por sínteses disjuntivas, já que os entes que o solicitam estão na não-relação, como pode ele concordar com o Ser, que é essencialmente Relação?

É preciso voltar à interrogação em que já vimos o próprio desafio que os simulacros propõem ao pensamento: "Como a não-relação é uma relação?"

O conceito de dobra resume o percurso intuitivo que elucida esse paradoxo. [...] Seu percurso integral (é necessário, no fim, sob o nome de "dobra", um re-percurso de velocidade infinita) nos dá acesso ao "laço mais rigoroso entre o singular e o plural, o neutro e a repetição", logo entre o pensamento, que só conhece casos disjuntivos, e o Ser, que é retorno eterno do Mesmo. O caminho é como o perfil de uma cordilheira, permite "recusar ao mesmo tempo a forma de uma consciência, o sem-fundo de um abismo indiferenciado".

Inicialmente, nós, contemporâneos, somos forçados a nos manter, duramente, diante da disjunção. Não temos mais à nossa disposição a potência reconciliadora e unificadora dos princípios. [...] Nada se assemelha a nada, nada vai ao encontro de nada, tudo diverge. Até o Ser, embora unívoco, se pensa inauguralmente como o Uno de um vácuo. Daí a tentação que se une a de tudo refundir em um sujeito: deixar-se deslizar no não-pensamento, no "sem-fundo do abismo" [...] Não só devemos enfrentar a disjunção nas suas asperezas mais desconcertantes, mas também devemos encontrar-nos obrigados a seguir o Uno até na convicção de que a não-relação é pensável como relação.

*"O fora e a dobra"
Alain Badiou**

* Fragmento de *Deleuze: o clamor do ser*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JOÃO CABRAL, O CASSACO E A CANA Uma dobra infinita

Cláudia Espíndola Gomes*

Pois é. E, além de grave, a situação fica muito triste quando a gente sabe que nesses lugares uma família inteira — o pai, a mãe e seus três filhos — conseguem cortar duzentos metros de cana para as usinas de álcool e recebem, por dia, pouco mais de três reais. Ah, esqueci de dizer que, com trinta e cinco anos, um adulto que trabalhou a vida inteira no canavial já começa a perder a força nos braços para segurar o facão.
Azevedo e outros, 1997

"Pensar é dobrar, é duplicar o fora com um dentro que lhe é coextensivo"¹ e pensar o texto "Festa na Casa Grande", de João Cabral de Melo Neto, claramente é dobrar, buscar o perpétuo reencadeamento que aproxima o cassaco da multiplicidade da cana de açúcar. Perseguir a dobra — "repercurso de velocidade infinita que nos dá acesso ao laço mais rigoroso entre o singular e o plural, o neutro e a repetição"² — na figura do cassaco, aproximado da cana-de-açúcar pela duplicação que pode conduzir ao infinito é o objetivo deste trabalho.

O texto de João Cabral de Melo Neto tem início com uma tentativa de definição dos cassacos de engenho e de usina: "O cassaco é um só/com diferente rima" [...] "A condição cassaco é o denominador" [...] "Dizendo-se cassaco/se terá dito todos". A condição denominador do cassaco pode ser analisada a partir da observação de Leibniz, no que diz respeito à identidade dos indiscerníveis, quando conclui que "supor duas coisas indiscerníveis é supor a mesma coisa sobre nomes diferentes"³. Assim, o cassaco de usina e o cassaco de engenho, bangüê ou fornecedor são as mesmas coisas, porém nomeadas diferentemente. Não há, entretanto, a necessidade de nome próprio, ele é apenas cassaco.

* Mestranda em Literatura Brasileira e Teoria Literária — UFSC

¹ Alain Badiou. *Deleuze: o clamor do ser*, p. 110.

² Idem. *Ibidem*, p. 101

³ Bertrand Russel. *A filosofia de Leibniz*, p. 57.

A condição denominador — unidade não excluirá a multiplicidade, uma vez que "o uno tem uma potência de envolvimento e desenvolvimento, ao passo que o múltiplo é inseparável das dobras que ele faz quando desenvolvido"⁴. Nesta dimensão múltipla, é possível que, a partir do denominador cassaco, dobras e desdobras se façam rumo ao infinito. São muitos os cassacos em meio aos canaviais que se mesclam às canas, mimetizando-se a elas.

Ao tratar do cassaco de engenho, quando criança, o texto afirma "parece cruzamento/de caniço com cana/O cassaco de engenho/criança é mais caniço./Puxa mais bem ao pai/porque não é maciço [...]. Não só puxa ao caniço/puxa também à cana/mas à cana de soca/repetida e sem força:/— A cana de fim de raça,/de quarta ou quinta folha".

O infinito da dobra cassaco/caniço ou cana multiplica-se: a curva que faz o caniço assemelha-se à condição de servidão em que vivem o cassaco criança e o cassaco-pai: não serem maciços. Se puxa à cana, é cana-de-soca, fraca, de fim de raça. A cana e o caniço possuem caules aéreos (colmos) que revelam nós e entrenós, em que estão localizados os anéis de crescimento, muito notáveis. Os entrenós podem ser cilíndricos, com depressões, no meio, encurvados... e lembram as pernas magras dos cassacos — crianças que, frágeis, destacam a curva dos joelhos e todas as possibilidades de desenvoltura nas articulações, todo um processo a ser percorrido, a partir do dobrar/desdobrar das mesmas.

Ser cana-de-soca é ser dobra "repetida e sem força", já que a soca é a segunda produção de cana, depois de cortada a primeira; até que se formem touceiras (e se desdobrem), o canavial deve sofrer alguns tratamentos para facilitar a absorção da água e adubação da cana a fim de que o destino da cana se cumpra. Assim, a criança cana-de-soca é a repetição da tentativa de vida, cana de fim de raça, mas que originará muitas outras canas-vidas, que se desdobrarão em outras e outras...

O cassaco mulher aproxima-se também da cana-de-açúcar, entretanto esta aproximação é distanciada porque ela "é um saco/—De açúcar, mas sem ter/açúcar ensacado[...]. Por ser um saco vazio, como lembra o provérbio popular, "não deveria parar de pé, mas o cassaco-mulher ultrapassa a própria idéia de curvar-se e opta pelo desdobrar "é um saco como feito/para se derramar": espalha a vida que não consegue conter, o que parece ser o vazio, mas que, na concepção de Leibniz, "está sempre repleto de uma matéria redobrada"⁵. E este vazio parece redobrar-se em tudo aquilo que lhe falta: as desdobras do açúcar. À mulher cassaco, falta a doçura do açúcar, que pode tornar a vida, metaforicamente

⁴ Gilles Deleuze. *A dobra*, p. 42.

⁵ Gilles Deleuze. *Op. cit.*, p. 60.

ou não, mais saborosa. Gilberto Freyre, afirma: "Rapadura, mel ou melado — doces, bolos, todos vêm no Brasil, desempenhando função de adoçar, literalmente, bocas; e, em sentido figurado ou simbolicamente, corações ou humores"⁶. Parece faltar-lhe, ainda, a vida "doce" que possa gerar: "De outros que não se sabe/como se fazem lá". Escapa-lhe a possibilidade de viver plenamente a condição humana e une-se à cana-soca, "de quarta ou quinta folha".

Casualmente o cassaco de engenho pode ser velho, no entanto não é que seja realmente velho: "é que um casaco novo/apressou-se no prazo". Marca-lhe a pressa da dobra: velho, apressa-se em descarnar, "como taipa sua ruína": "o organismo envolve um meio exterior que contém outras espécies de organismos, que, por sua vez, envolvem meios interiores que contém outros organismos ainda"⁷.

Ele é taipa, feito de barro amassado e jogado contra uma armação de varas finas ou bambu. Esta idéia conduz a um percurso veloz que une o singular ao plural: o cassaco velho e o cassaco menino, ambas varas finas, semelhantes à cana-soca.

A textura do cassaco "de longe é de carne e osso" mas, quando se chega perto, descobre-se que é de outra qualidade. O cassaco assume uma consistência rala e frouxa, como se seu corpo fosse "algodãozinho", uma textura própria das estopas. O entrelaçamento dos fios que foram a estopa corresponde ao entretecer das varas finas que compõem a taipa. Taipa e estopa se assemelham, mais uma vez, numa aproximação que remete à cana repetida, à cana sem força. Deleuze assinala que "a maneira pela qual uma matéria se dobra é que constitui sua textura: ela define-se menos pelas suas partes heterogêneas e realmente distintas do que pela maneira pela qual essas partes tornam-se inseparáveis em virtude de dobras particulares"⁸. As finas varas formadoras do corpo do cassaco se tomam inseparáveis do barro, dobram-se: "barro, de onde nasce a vida, encerra em si o segredo da criação e representa, por extensão, o ponto de partida de uma evolução, de um ciclo, um mundo de possibilidades"⁹. Evolucionar, do verbo evolver, tem o sentido de fazer passar por modificações sucessivas¹⁰, assim o barro conduz à idéia da desdobra, do prolongamento no tempo e no espaço. É o barro a substância usada para purgar o açúcar bruto: "nem carece de admiração ser o barro, que da sua natureza é imundo, instrumento de purgar o açúcar com suas lavagens, assim como lembrança do nosso barro e com as lágrimas se purificam e branqueiam as almas que antes eram

⁶ Gilberto Freyre. *Açúcar*, p. 28.

⁷ Gilles Deleuze. *Op. cit.*, p. 22.

⁸ Idem. *Ibidem*, p. 61.

⁹ Nadia Jullien. *Dicionário de Símbolos*, p. 59.

¹⁰ Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*, p. 594.

imundas¹¹. Como se observa, há um constante entrelaçar entre barro-cassaco-cana, tal entrelaçamento constrói dobras e desdobras — açúcar e cassaco em constante evolução.

O cassaco é “o contrário do barro/das casas de purgar”, o barro que o forma é ainda mais baço: “o cassaco de engenho/é opaco e mortifo/nunca aprende com os aços/de uma usina seu brilho/nem com o brilho mais cego/do dobre que ele vê/nas tachas em que mexe/nos engenhos bangüê”. Ao cassaco, falta a doçura da cana. Enquanto o melado é cozido e batido nas tachas, o cassaco apenas trabalha para que o melado se transforme no branco açúcar. Ele não reflete o brilho das tachas, mas ainda é possível apreendê-los juntos, dobrando-se, preparando-se para a infinita multiplicação. A mão do trabalhador de engenho, sua ferramenta vital, serve como uma lixa, que enverniza o cabo das enxadas. Mão-ferramenta, órgão único e inimitável, sempre fascinou os homens, por todas as possibilidades que ela encerra. Através da mão que faz brilhar o cabo das enxadas, o desdobrar-se do homem e da cana, o revolver da terra, fecundidade e regeneração.

A textura do cassaco também passa pela cor: se “de longe é branco ou negro”, de perto é sempre amarelo; amarelo inchado, “que é verde levemente”, “em que azul não entra”. A cor amarela associa-se ao emblema do ouro e do mel e o verde simboliza o poder de regeneração porque capta: “energia solar e a transforma em energia vital¹². Amarelo como mel, enquanto mel, “tem o ritmo pesado: | O do gesto do mel | deixando o último tacho”. Verde que não é o puro verde, energia vital, mas “uma espécie de auriverde”, do qual só ele tem a receita. Esta cor, aos poucos, desaparece e o cassaco se move “amareladamente”, mais amarelo que a palha do canavial. A palha que se dobra e se desdobra infinitamente, em suas muitas nervuras: “É amarelo de corpo | e de estado de espírito”. Quando se pensa no amarelo-mel, pensa-se em doçura, da qual ainda está distanciado o cassaco: “é amarelamente | mesmo no mundo em cor | que bebe na água ardente”. E, além de aproximar-se da cana por assemelhar-se à palha, à cana está ligado pelo amargor da ressaca que o espera após o consumo da aguardente. O amargor que, por alguns momentos, lhe dera um certo azul. Azul associado às divindades: a Juno, no que tange à feminilidade fecunda e desabrochada¹³, fecundidade, por instantes oferecida, mesmo ilusoriamente, ao cassaco, pela aguardente. A cor azul projeta no trabalhador o desejo de fecundidade: seguir o caminho do sul e a vida nova que este tão sonhado paraíso pode representar. O azul, porém, torna-se

¹¹ André João Antonil. *Cultura e opulência do Brasil*, p. 133.

¹² Nadia Jullien. *Op. cit.*, p. 117.

¹³ Idem. *Ibidem*, p. 116.

roxo e resta-lhe somente o desejo de morte. Roxo, cor das viúvas e dos mártires, morte precoce do desejo, tal como a pressa que o cassaco tem de envelhecer. "Por fim inevitável, [volta a vida amarela: |No amargor | da ressaca que o espera".

Nos breves momentos azuis que experimenta, o trabalhador converte-se em *homo dionysiacus* uma vez que, através do êxtase e do entusiasmo, se libera de certos condicionamentos e de interditos de ordem ética, política e social¹⁴. O êxtase possibilita ao cassaco sair de sua condição humana que o prende a terra e o cassaco, em seu delírio, sonha com o sul. Mas, ao azul, segue-se o roxo, como se todos os cassacos tivessem o mesmo destino, o de não sonhar e, sobre ele, cai a "moira", o destino cego. O sonho, delírio não se dão completamente. Ao dobrarem-se suas pálpebras, "haverá apenas treva | e de certo nenhum | sonho ali se projeta".

A referência à cachaça, remete-me, mais uma vez, ao texto *Açúcar*, de Gilberto Freyre, quando estabelece um parentesco entre doces e aguardentes: "têm um antepassado comum: o açúcar de cana, mas são primos ou parentes que quase não se falam. Separados. Antagônicos. Odeiam-se, até ninguém bebe cachaça comendo bolo, doce ou biscoito. Sabe-se haver mesmo certa aversão do bebedor inveterado de aguardente a tudo quanto seja doce ou comida açucarada"¹⁵. Na "Lenda do Açúcar e da Cachaça", narrativa do folclore nordestino, temos uma explicação sobre a origem destes dois parentes que se odeiam:

"A Lenda do Açúcar e da Cachaça

'Nosso Senhor passava certa vez por uma estrada e, debaixo do solão enorme, morria de fome e de sede. Já não agüentava mais de cansaço, quando avistou um canavial.

Então abrigou-se entre as suas folhas, refrescou-se do calor, descansou, chupou uns gomos e matou a fome. Ao retirar-se, estendeu as mãos sobre as canas e as abençoou, prometendo que delas o homem haveria de tirar um alimento bom e doce.

No outro dia, à mesma hora, o Diabo saiu das fomalhas do inferno, com os chifres e o rabo queimados. Galopando pela estrada, foi dar ao mesmo canavial.

Vendo o verde das canas, entendeu de refrescar-se e espoujar-se nas folhas. As canas, porém, soltaram pêlos, começando ele a coçar-se.

Furioso, cortou um gomo e começou a chupar; mas o caldo estava azedo e, caindo-lhe no goto, queimou-lhe as goelas.

¹⁴ Junito de Souza Brandão. *Teatro grego — tragédia e comédia*, p. 11.

¹⁵ Gilberto Freyre. *Op. cit.*, p. 49.

O Diabo então danou-se, e prometeu que da cana o homem haveria de tirar uma bebida tão ardente como as caldeiras do inferno.

É por isso que a cana dá o açúcar, por causa da benção de Nosso Senhor, e a cachaça, por causa da maldição do Diabo™.

O açúcar, benção, é negado ao cassaco; a cachaça, maldição, a ele é destinada. Ela, apesar de trazer-lhe, por uns momentos, o desejo de fecundidade, tem origem da dor "caindo-lhe no goto, queimou-lhe as goelas" e à dor remeterá cedo ou tarde. Ao ser consumida pelo cassaco, incendela-lhe o interior, "nesta linha o fogo torna-se instrumento de castigo: Lúcifer, o portador da luz, é príncipe do fogo infernal"¹⁶. A cachaça é, então, uma "bebida tão ardente como as caldeiras do inferno", que muda, apenas momentaneamente, uma situação árdua e, depois, trata de conduzi-lo, mais uma vez, ao inferno de sua vida: às próprias caldeiras que povoam a vida dos trabalhadores, aumentando ainda mais o calor infernal dos dias quentes: "revezam-se nas caldeiras oito caldeireiros, divididos em duas esquipações, um em cada uma, de assistência contínua até entregá-la ao seu sucessor, exumando o caldo que ferve, com cubos e tachos"¹⁷.

A cor amarela perpassa a visão do cassaco "vê amarelamente | todo o rosa Brasil | que ele habita e não sente". Seu olhar é impregnado pelo amarelo, lembrança constante de sua aproximação com a cana-de-açúcar. Mesmo que a água do rio seja azul, ele a vê repleta de barro. Barro que conduz ao seu próprio universo de trabalhador, é material que contribui para purgar o açúcar, e, ao mesmo tempo, mistura de terra e de água, princípio vivificante e dinamizador, é segundo a Escritura, a matéria usada por Deus para criar homens e animais¹⁸.

O céu do cassaco tem nuvens diferentes, são nuvens "de aniagem |, pardas de pano seco". As nuvens, intermediárias entre o céu e a terra, espírito e matéria, sonho e realidade, para o cassaco, são de aniagem, como se fossem feitas da mesma matéria usada para ensacar produtos. Elas são muito mais terra, matéria e realidade. Habitam o céu que pode existir para o trabalhador: o céu que lhe lembra, sempre, a necessidade do trabalho, a cor do barro, o amarelado de seu dia. Se o olhar do cassaco, acaso se ergue ao céu, perde-se nas dobras e desdobras das nuvens de aniagem, nelas encontra-se com a cor cáqui a lembrar-lhe que existe a morte e ela não se veste de preto: "E outra é a morte que vem | retratar seu trespasso: |— Não usa pano preto, | cobre-se, sem, de cáqui". E a morte é o cobrir-se de cáqui, como as folhas

¹⁶ Nadia Julien. *Op. cit.*, p. 196.

¹⁷ André João Antonil. *Op. cit.*, p. 119.

¹⁸ Nadia Julien. *Op. cit.*, p. 59.

secas da cana-de-açúcar: “- E o dia mostra sempre | desbotada folhagem”. Há o próprio desdobramento dos tons da cor amarelada em tudo o que circunda o trabalhador. Seu olhar amarelado não lhe permite perceber “o rosa-Brasil | que ele habita e não sente”. Apesar de morar, cor de rosa regeneradora, torna-se difícil, a um olhar desde sempre tingido de amarelo, descobrir a flor tão cantada pelos poetas e menestréis em todos os tempos, a rosa. Falta-lhe a doçura da vida, apesar de ter o olhar amarelo, cor de mel.

Sua febre, porém, não é amarela, é verde. Em seu delírio, que lhe causará a morte, o cassaco se vê verde como as folhas do canavial que se dobram e desdobram ao soprar o vento. A cor verde, energia de vida, presentifica-se em seu delírio, mas, tal qual no êxtase provocado pela aguardente, ela dissipa-se e seu corpo transforma-se em caldeira. Antonil, ao tratar da casa de cobres ou da caldeira, afirma: “É também esta casa lugar de penitentes, porque comumente se vêem nela uns mulatos e uns negros crioulos exercitar o ofício de tacheiros e caldeireiros, amarrados com grandes correntes de ferro a um cepo, ou por fugitivos, ou por insignes em algum gênero de maldade, para que desta sorte o ferro e o trabalho os amanse”¹⁹. A febre do cassaco transmuta-o em caldeira, e, então, a purgação do cassaco se faz, em sua febre, é penitente, e, tal qual o açúcar, purgado.

Se o cassaco é engenho é “de fogo frio ou morto: | Engenho que não mói | que só fornece aos outros”. O cassaco é engenho, “um dos principais partos e invenções do engenho humano, o qual, como pequena porção do Divino, sempre se mostra, no seu modo de obrar, admirável”²⁰, mas é um engenho que não mói, que só fornece aos outros. O cassaco não é capaz de produzir para si mesmo, de lucrar de alguma forma, os benefícios de seu trabalho.

Trabalhando ou não, continua a ser sempre cassaco e tudo lhe pesa, inclusive seu próprio sangue. E novamente o cassaco aproxima-se da cana-de-açúcar: seu sangue é caldo de cana e lhe é extremamente pesado. O sangue, princípio da vida e de força, ao cassaco é pesado, cansa-lhe carregar sangue, ele lhe é um fardo. É o caldo preparado para as caldeiras, para viver no corpo de um homem, sob o sol exalante, na febre de seções que o consome; seu corpo é caldeira a purificar e limpar o caldo das canas. Seu sangue-caldo arde de febre, cassaco-caldeira, cassaco-doente.

Além de pesar-lhe o sangue, pesa-lhe no pé inexistente sapato, seus pés pesados são por sentirem a falta dos sapatos. “E até mesmo lhe pesa | o chão sobre que pisa”. O chão, abaixo de seus pés, pesa-lhe, pois é esse chão que lhe lembra sua condição de cassaco e

¹⁹ André João Antonil. *Op. cit.*, p. 119.

²⁰ Idem. *Ibidem*, p. 69.

"Ao cassaco de engenho | pesa o ar que respira". O ar, "um dos quatro elementos intermediários entre o céu e a terra, o fogo e a água, o ar é o lugar de manifestação do sopro divino, um símbolo de espiritualização"²¹. Ao cassaco, o ar é pesado demais para carregar, pois é difícil levar consigo o elemento que proporciona a vida, que o faz respirar e estar vivendo. Seu corpo inteiro pesa pois, no fundo, o que é árduo carregar é sua própria vida.

Quando o cassaco de engenho vai morrendo, seu corpo desdobra-se em várias imagens: "cristal anêmico", amarelo que "se ilumina por dentro", "transparência própria de cada vela". Tais transparências estão relacionadas à idéia de iluminação: o amarelo iluminado, a chama que vela o defunto, a chama que está na ponta da vela. Deleuze, ao tratar da luz barroca, numa perspectiva leibniziana, lembra que "Deus diz que a luz seja feita e com ela o branco — espelho; mas, por outro lado, temos as trevas ou o negro absoluto, consistindo isso em uma infinidade de buracos que não mais refletem os raios recebidos, matéria infinitamente esponjosa e cavernosa feita, no limite, de todos esses buracos"²². Um novo regime de luz se instala e o claro mergulha no escuro. A chama da vela ilumina o escuro da morte do trabalhador. Há, ainda, o dobrar da significação da palavra "vela", que pode ser o substantivo vela e o verbo velar. E o defunto é velado por uma chama, que bem poderia ter sido plantada no próprio corpo do morto, tão semelhante esse corpo é à vela.

O defunto aproxima-se da cana-de-açúcar pela forma da vela, comprida e fina: a carne do morto é carne-vela e carne velada. O verbo plantar reconduz ao campo de significados ligados à agricultura. A chama da vela poderia ser plantada no próprio corpo daquele que, durante toda a vida plantou e que agora será plantado no chão escuro, tal qual a cana de quem ele sempre se aproximou.

Morto, tal qual a cana-de-açúcar que, quando açúcar, é encaixotada, o cassaco é depositado dentro de um caixão vazio: " — É um caixão vazio | metido dentro de outro | — É a morte de vazio | a que carrega dentro". Se o vazio, na perspectiva leibniziana, está sempre repleto de matéria redobrada²³, o vazio dentro de outro constitui uma série de matérias redobradas: toda a história de dobras, desdobras e redobras que construíram a trajetória do cassaco. Não há, apenas, como em Antonil, o "padecimento do açúcar"²⁴, mas o padecimento do trabalhador que se aproximou da cana e, com ela dobrou-se, desdobrou-se e redobrou-se em sua própria transformação ao açúcar, como em Antonil lê-se sobre o

²¹ Nadia Julian. *Op. cit.*, p. 41.

²² Gilles Deleuze. *Op. cit.*, p. 55.

²³ Gilles Deleuze. *Op. cit.*, p. 60.

²⁴ André João Antonil. *Op. cit.*, p. 143.

escravo, e se açúcar há ainda outras transformações. Este vazio leibniziano é preenchido, também, por tudo o que faltou ao trabalhador, ou seja, pela ausência de sua própria condição de ser humano.

Os homens fazem sofrer a cana, ofertada a eles pelo Criador, para extrair dela os mais diversos prazeres. Inventam, então, contra ela "mais de cem instrumentos para lhe multiplicarem tormentos e penas".²⁵

Da mesma forma, o cassaco, até ser encaixotado e devorado pela terra, sofreu penas e tormentos para dobrar e desdobrar a cana na infinita multiplicidade que ela possibilita. O açúcar é sepultado no estômago dos que o comem; quanto ao cassaco "defunto e já no chão: | — Para rápido acabá-lo | tudo faz mutirão". O açúcar desdobrar-se-á em muitos outros produtos, praticamente infinitos. O cassaco desdobrar-se-á na multiplicidade que seu próprio corpo pode oferecer, mesmo após a morte: "quando um organismo morre, nem por isso é aniquilado, mas involui e, brusca-mente, redobra-se no germe, readormecido, saltando as etapas"²⁶. Seu organismo é dobra e, para que a multiplicidade da dobra orgânica se dê, " — O massapê, piçarra, | e a Mata faz Sertão. | — E o sol, para ajudar, se é inverno, faz Verão | Para roer os ossos | os vermes viram cão: | E outra vez vermes, vendo | o giz que os ossos são. | — E o vento canavial dá também sua demão: | — Varre-lhe os gases da alma, levando-a (lavando), são. O corpo subterrâneo sofre a ação dos elementos da narrativa: "dobras de ventos, de águas, de fogo e da terra, e dobras subterrâneas de filões na mina"²⁷. O corpo, "como um tecido ou folha de papel, divide-se em dobras até o infinito ou que se decompõe em momentos curvos"²⁸, numa divisão contínua, tal qual o açúcar, o corpo faz-se multiplicação. Ambos, com a tarefa de alimentar a vida que está sempre a desdobrar-se rumo ao infinito.

A ação do vento canavial é, inclusive, reforçada pela presença da aliteração: "vento", "canavial", "varre-lhe", "levando-a", "lavando". Tal efeito sonoro remete à imagem do dobrar-se das folhas da cana e, se o vento é canavial, o defunto, como a cana, é sepultado no massapê, "a famosa terra negra, adocicando por excelência do caldo sacarífero"²⁹. Seu sangue, caldo engrossado, é doce e percorre as dobras e desdobras de seu corpo, adocicando a terra e servindo de alimento a outros organismos: o organismo "envolve um meio interior que contém necessariamente outras

²⁵ Idem. *Ibidem*, p. 143.

²⁶ Gilles Deleuze. *Op. cit.*, p. 21-22.

²⁷ Idem. *Ibidem*, p. 18.

²⁸ Idem. *Ibidem*, p. 17.

²⁹ André João Antonil. *Op. cit.*, p. 24.

espécies de organismos, que, por sua vez, envolvem meios interiores que contém outros organismos ainda³⁰.

O vento canavial "varre-lhe os gases da alma", e, quem sabe, no alto, a alma levada e lavada pelo vento possa cantar "a glória de Deus, uma vez que percorre suas próprias dobras, sem chegar a desenvolvê-las inteiramente, pois elas vão ao infinito"³¹. O cantar da alma percorrendo suas próprias dobras assemelha-se ao som do vento no canavial, agora, mais fecundo porque adubado pelo sangue-sumo do cassaco trabalhador. E o dobrar-se da alma no vento canavial dobra as folhas da cana infinitamente.

Vai haver festa na casa grande porque o canavial é mais fecundo, porque o sumo da cana será mais doce, porque o açúcar será mais puro, porque todo cassaco é igual, independente do nome que receba, de seu trabalho, e de seu soldo.

³⁰ Gilles Deleuze. *Op. cit.*, p. 22.

³¹ *Ibidem*, p. 13.